**Moviendo los estudios urbanos. La movilidad como objeto de estudio o como enfoque para comprender la ciudad**

***Jirón Martínez, P. y Imilan Ojeda, W. (2018-12-01).Moviendo los estudios urbanos. La movilidad como objeto de estudio o como enfoque para comprender la ciudad contemporánea. Disponible en*** [***https://repositorio.uchile.cl/handle/2250/153116***](https://repositorio.uchile.cl/handle/2250/153116)

**Vinícius de Souza Mendes**

Doutorando do Departamento de Sociologia da Universidade de São Paulo (USP). E-mail: vinicius.mendes@alumni.usp.br

**Contextualização**

Quando Paola Jirón foi destacada como presidenta do recém-criado Conselho Nacional de Desenvolvimento Territorial (CNDT) do governo chileno, em setembro de 2023, muitos veículos da imprensa local[[1]](#footnote-1) se atentaram para a renomada carreira acadêmica que ela consolidou nas últimas duas décadas — assim como para a base das suas pesquisas: as mobilidades.

Doutora em Planejamento Urbano e Regional pela prestigiada London School of Economics and Political Science (LSE), na Inglaterra, ela dirige, desde sua fundação, o importante Núcleo Milenio Movilidades y Territorios (MOVYT), um dos centros de pesquisa mais relevantes sobre mobilidades da América Latina. Além disso, é pesquisadora do Centro de Estudios de Conflicto y Cohesión Social (COES), na linha de estudo sobre dimensões socioeconômicas do conflito na sociedade chilena, e professora (agora licenciada) da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da prestigiada Universidad do Chile.

Vem de Jirón, sobretudo, uma abordagem urbana bastante baseada na experiência concreta dos sujeitos em seus deslocamentos pela cidade — em específico Santiago.

Essa postura metodológica, que estrutura a atuação do MOVYT, também é parte constitutiva do trabalho de Walter Alejandro Imilán, o outro autor do artigo em discussão neste texto.

Doutor em Planejamento Urbano e Regional pela Technische Universität (TU), em Berlim, na Alemanha, e Mestre em Estudos Urbanos pelo Instituto de Estudios Urbanos y Territoriales da Facultad de Arquitectura, Diseño y Estudios Urbanos da Pontificia Universidad Católica de Chile, ele tem aliado suas pesquisas às temáticas contemporâneas do Chile: desde o *estallido* de 2019, que sacudiu as estruturas do país e cujos efeitos se veem até hoje na política institucional chilena, até as novas narrativas Mapuche sobre circulações urbanas em um território que lhes é ancestral[[2]](#footnote-2).

O artigo em discussão neste texto, *Moviendo los estudios urbanos. La movilidad como objeto de estudio o como enfoque para comprender la ciudad*, foi publicado originalmente em um dossiê sobre mobilidades espaciais nas metrópoles latino-americanas organizado pelas sociólogas Natalia Cosacov e María Mercedes Di Virgilio (Universidad de Buenos Aires-UBA) no décimo número da revista Quid 16[[3]](#footnote-3), sobre estudos urbanos, mantida pelo Instituto de Investigaciones Gino Germani, da UBA. O dossiê possui artigos sobre mobilidades em cidades do México e da Colômbia, além de um texto sobre o uso do automóvel nas metrópoles da região assinado por duas pesquisadoras da Universidad Autónoma Metropolitana (UAM-MX): Ruth Pérez López e Guénola Capron.

O material ainda traz uma tradução, para o espanhol, do artigo *Mobilizing the new mobilities paradigm*, de Mimi Sheller e John Urry, publicado originalmente na revista *Applied Mobilities*[[4]](#footnote-4).

**Objeto e enfoque**

O texto — como, aliás, costumam ser as análises do MOVYT — se debruça sobre a experiência urbana dos sujeitos. Ela é contraposta a uma observação "de cima", baseada em contagens quantitativas, no sentido técnico, e em pressupostos teórico-metodológicos ancorados na rigidez de fenômenos sociais.

Mais do que isso, essa perspectiva procura agregar aos estudos convencionais uma nova forma de lidar com o conceito de bairro que, na literatura latino-americana, é fundante de várias abordagens urbanas. A própria criação do núcleo tem como postulado estudar de que forma conceitos rígidos, como trabalho, o lazer, o bairro, a rua ou a casa, também podem ser unidades de análise relevantes para uma sociologia móvel. No texto, o "giro da mobilidade" aparece a partir de implicações de ordens "teóricas, metodológicas e práticas" (p. 18).

Se a matéria-prima do texto é a *experiência*, então o que há de novo é perceber como ela é permeada por uma *mobilidade* que, longe de ser trivial, define o que é a cidade (latino-americana) contemporânea (p. 19). Isto é, como ela é vivida, produzida e ressignificada pelos atores que se movem. Não só eles: automóveis, dispositivos de transporte, infraestrutura e até políticas do urbano (p. 21) também circulam produzindo os mesmos efeitos.

No texto, essa experiência é abordada a partir da mobilidade. Isso significa, do ponto de vista prático, que os autores pressupõem um cotidiano urbano marcado por atores — e coisas — que se movem, e o fazem pela cidade. Também significa outro pressuposto: que este movimento é, antes de tudo, uma "prática social e cultural" (p. 22) que vai muito além de observar deslocamentos cotidianos, entendendo, antes, o que impacta e o que é impactado nesse processo.

Jirón e Imilán fazem um catálogo amplo de práticas sociais dentro do sistema de transporte público de Santiago que demonstram como esses deslocamentos são também *espaços de significação*: os sujeitos "negociam", no cotidiano de trens e ônibus da cidade, desde o lugar onde vão viajar dentro dos vagões e automóveis, até como o farão (lendo, ouvindo música, solitários, acompanhados), sem contar os usos momentâneos que fazem desses dispositivos (o metrô como um espaço de trocas ou de solidão). Não só isso, os autores notam como os sujeitos elaboram estratégias para circular pelos modais de transporte disponíveis e, antes disso, para acessá-los, e quais fricções existem a esses acessos.

Mas, para além de *objeto*, a mobilidade também é abordada como um *enfoque*, no sentido de compreendê-la como uma forma de habitar onde se amalgamam tanto espaços fixos quanto o próprio movimento. Nesse sentido, eles se valem de outro conceito fundamental: a *interdependência*, que explicita como "as decisões, práticas e experiências que dizem respeito aos deslocamentos cotidianos não são estritamente de caráter individual, mas se encontram estritamente entrelaçadas a outras pessoas e suas próprias decisões, práticas e experiências" (p. 28).

Dito de outro jeito, é dizer que, ao focar nas mobilidades, torna-se mais evidente como *cada circulação, individualmente, é preenchida não apenas por decisões também individuais, mas antes por um conjunto de outras decisões que, juntas, constituem a metrópole*. Esse me parece a principal e mais inovadora estratégia analítica trazida para a literatura de mobilidades.

Aliás, não só circulações, mas também relações, à medida em que as decisões por onde se mover levam em conta uma série de outras estruturas sociais, como o trabalho ou o lazer, por exemplo. Em uma metrópole como Santiago (ou São Paulo, Buenos Aires, Cidade do México, etc.), uma relação nunca é unilateral, mas sempre atravessada pelas outras.

Para Jirón e Imilán, é fundamental compreender, então, a *mobilidade como objeto e como enfoque* *em uma sequência*: primeiro, como as pessoas se movem e, segundo, como esse movimento afeta outros campos da vida socia e, como que conformando ambos, a experiência individual situada no coletivo.

**Orientação à pesquisa**

Essa divisão entre objeto e enfoque abre caminho para algumas questões metodológicas que ainda permanecem em aberto na minha pesquisa sobre festas bolivianas em São Paulo.

Uma delas, que já tem sido trabalhada por outros autores[[5]](#footnote-5) em outras escalas, está na ideia de interdependência. Como venho defendendo há algum tempo[[6]](#footnote-6), há uma espécie de dobradura entre o tempo do lazer e o tempo do trabalho que se constitui nas festividades bolivianas na cidade, à medida em que, para que possam dançar nas fraternidades, os sujeitos precisam investir recursos próprios na aquisição de trajes ou produzi-las por conta própria e, além disso, reunir tempo para participar de ensaios e eventos onde se apresentam.

Nesse sentido, a análise de Jirón e Imilán permite destravar uma percepção distinta sobre como essas circulações não acontecem isoladas, mas são antes impactadas (e impactam) por redes diversas: desde as oficinas de costura, com suas sazonalidades, padrões e estratégias, até nas tarefas do âmbito domiciliar.

Além disso, as próprias festas bolivianas fazem parte de um ciclo festivo que, para se materializar, depende do funcionamento de uma rede interdependente por si só, em que as relações – como dizem os autores – nunca são unilaterais, porque afetam lógicas produtivas inteiras, no sentido mais amplo, e práticas do cotidiano, em uma lente mais precisa.

Assim, para que um *fraterno* de uma fraternidade possa produzir a sua roupa para uma festa – ou para que reúna recursos para comprá-la de um produtor externo –, ele precisa trabalhar fora do horário estabelecido de sua jornada laboral. Essa decisão implica não apenas efeitos sobre as peças elaboradas pela oficina como um todo, mas também da própria circulação do objeto (roupa) que ele produziu, sem contar os impactos domésticos, como cuidados com os filhos, por exemplo.

Mas não só: o texto de Jirón e Imilán também fornece ferramentas metodológicas para explorar outro fenômeno que permanece intrigante dentro do meu escopo de pesquisa: muitas pessoas chamadas pela literatura de “migrantes de primeira geração”, que chegaram ao Brasil no começo dos anos 2000, conformam hoje um grupo relativamente estável, do ponto de vista econômico. São famílias que conseguiram construir algum patrimônio – e que o expressam socialmente por meio das próprias festas e das fraternidades que pertencem. Supunha-se que, por isso mesmo, que eles tinham uma circulação mais fluída pela cidade, tanto pelos recursos que possuem quanto pelo tempo que vivem na cidade. Uma leitura inicial sugeriria que haveria menos fricções do que fluxos.

O contraponto disso seriam as pessoas mais jovens, recém-chegadas da Bolívia que, sem recursos e com jornadas maiores de trabalho nas oficinas, teriam uma experiência mais estática do que móvel pelo mapa urbano.

Parte dessa hipótese se confirma: a tendência é que, quanto mais recente tenha sido a chegada a São Paulo, menor seja a capacidade de se movimentar pelo mapa urbano – tanto subjetivamente, no sentido de perceber as fricções, quanto no sentido de “saber viajar” (p. 25) pelo sistema de transporte.

No entanto, parte dela não se observa, porque, ao seguir esses sujeitos, nota-se que os “migrantes” de primeira geração, embora com mais recursos, possuem os mesmos padrões de movimento que os recém-chegados: isto é, circulam por uma área muito pequena da cidade (em bairros como Pari, Canindé e Brás), marcada por uma presença intensa de bolivianos e, por consequência, de suas práticas e dispositivos.

Uma possível resposta para isso está, justamente, na maneira como Jirón e Imilán alçam a mobilidade como um enfoque pela experiência, em que *os trajetos são antecipados por estratégias*. Assim, as “decisões de mobilidade das pessoas são individuais e racionais em termos de tempo/custo” (p. 32), mas também em termos das demandas cotidianas que elas possuem. Entao, as circulações se assemelham porque, no limite, tanto os recém-chegados quanto os mais velhos encontram tudo o que precisam em lugares parecidos – como a Rua Coimbra, no Brás, sobretudo. É racional que eles elaborem estratégias que permeiem um espaço já habitado: uma forma de enfocar não só a mobilidade, mas também no que não necessariamente se move.

1. CNDT, 09/11/2023. *¿Quién es Paola Jirón? La nueva presidenta del recién creado Consejo Nacional de Desarrollo Territorial* (<https://cndu.gob.cl/quien-es-paola-jiron-la-nueva-presidenta-del-recien-creado-consejo-nacional-de-desarrollo-territorial/>). Acessado em 5 de abril de 2024 [↑](#footnote-ref-1)
2. GONÇALVES, D.; MENDES, V. *“É a mobilidade, estúpido”: uma entrevista com Walter Imilán*. UNICAMP: Revista de Estudos Indígenas, v.7 (2024) *[NO PRELO]* [↑](#footnote-ref-2)
3. Quid 16, *[Movilidades espaciales de la población y dinámicas metropolitanas en ciudades latinoamericanas](https://publicaciones.sociales.uba.ar/index.php/quid16/issue/view/N%C2%B010%20%28Dic%202018.-%20Mayo%202019%29/showToc)*, n. 10 (2018) [↑](#footnote-ref-3)
4. SHELLER, M.; URRY, J. *Mobilizing the new mobilities paradigm*. Applied Mobilities, v. 1 (2016), p. 10-25 [↑](#footnote-ref-4)
5. ÁVILA, L. *No llores, prenda, pronto volveré. Migración, movilidad social, herida familiar y desarrollo*. La Paz: Institut Français d’Études Andines, 2004 [↑](#footnote-ref-5)
6. MENDES, V. *Territorios y mercados entre las fraternidades folklóricas bolivianas en São Paulo*. Arxius de Ciències Socials, n. 47 (2023), p. 1-15 [↑](#footnote-ref-6)